



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

LANULZIA FIGUEIRÊDO DE LIMA

LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA

CAJAZEIRAS - PB

2009

LANULZIA FIGUEIRÊDO DE LIMA

LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



L7321 Lima, Lanulzia Figueirêdo de.
Leitura e escrita na escola / Lanulzia Figueirêdo de
Lima. - Cajazeiras, 2009.
34f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2009.

Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Leitura e escrita. 2. Aprendizagem. 3. Alfabetização.
4. Construção de conhecimento-leitura. I. Lima, Maria
Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III.
Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.016:003-28.31

LANULZIA FIGUEIRÊDO DE LIMA

LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA

APROVADA EM: ____ / ____ / ____

Orientadora (a): Ms. Maria Janete de Lima

CAJAZEIRAS
2009

Por ter-nos dado força para vencer obstáculos, por ter-nos feitos fortes, não permitindo que o cansaço nos dominasse, e se conseguimos chegar a esse ideal, mais do que a todo mundo, devemos ao Senhor... Que a luz Divina continue a iluminar o nosso caminho! Conceda-nos, senhor, a severidade necessária para aceitar as coisas que não podemos mudar; coragem para mudar aquelas que podemos e sabedoria para distinguir uma das outras.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

AGRADECIMENTOS

A vocês que deram todo o afeto e que nos apoiaram nas horas mais difíceis de nossa caminhada. Pais, colegas, amigos e mestres aqueles que nos transmitiram conhecimento e experiências profissionais, aqueles que nos guiaram para além das teorias, das filosofias e das técnicas, expressaremos nossos agradecimentos e o nosso profundo respeito do muito que nos foi oferecido.

Hoje consideramos vitoriosas por termos seguido todos os seus ensinamentos que nos colocou para sermos pessoas sonhadoras batalhadoras pelos nossos ideais.

Nosso eterno agradecimento.

Certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal.
E temos que valorizá-lo para poder ir além dele. (MARIA
HELENA MARTINS).

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

RESUMO

O referido estudo tem como título: A leitura e a Escrita na Escola, pois sabemos que a leitura e a escrita são base para o processo ensino – aprendizagem e sem estas é impossível que o educando desenvolvam outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, a temática da leitura e da escrita nos anos iniciais apresentou-se como um problema nas discussões educacionais de superar as dificuldades da leitura e escrita na Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima na cidade de Mato Grosso-PB. Como consequência desse trabalho, esperamos compreender os aspectos do desenvolvimento da leitura e escrita tomando por base as necessidades dos alunos. Diante disso, os problemas existentes no processo de ensino – aprendizagem da leitura e escrita nos desafia a buscar conhecimento para a sua compreensão, pois acreditamos que através desse estudo estamos contribuindo para ampliar as discussões acerca do título relacionado às questões educacionais, produzindo conhecimento sobre as crianças e a escola. Este estudo foi realizado com professores e alunos, da referida escola. Onde podemos perceber que o mundo em que vivemos é constante as transformações em todas as partes que compõem a sociedade de uma forma geral. Por isso, é que nos professores devemos trabalhar para que nossos alunos desempenhem o mais rápido possível o habito de ler.

Palavras - chave: Leitura. Aprendizagem. Escrita.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I.....	11
1.1 A construção do Conhecimento da Leitura e Escrita.....	11
1.2 A leitura e a Escrita na Perspectiva Social.....	15
1.3 O Processo de Desenvolvimento da Leitura.....	18
CAPÍTULO II.....	22
2.1 Estudo de caso.....	22
2.2 Análise dos questionários dos professores.....	22
2.3 Análise dos questionários dos alunos.....	24
2.4 Análise do estágio.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como título: A leitura e escrita na escola, pois sabemos que a leitura e a escrita são as bases para o processo de ensino – aprendizagem e sem estas é impossível que o educando desenvolvam outras áreas do conhecimento.

Sendo assim, a decisão em estudar e temática da leitura e escrita, nos anos iniciais, surgiu após os docentes da escola Municipal Maria de Lourdes de Lima na cidade de Mato Grosso PB, terem refletido sobre as dificuldades encontradas na mobilização em torno da leitura e escrita, bem como da necessidade de superar as dificuldades dos alunos com relação do acesso da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental.

Como consequência desse trabalho, esperamos compreender os aspectos do desenvolvimento da leitura e escrita, tomando por base as necessidades dos alunos. Afinal a leitura e a escrita são instrumentos proporcionados pela a escola como passaporte para a entrada na cultura escrita. Diante disso, os problemas existentes no processo de ensino – aprendizagem da leitura, e escrita nos desafiam a busca conhecimento para, sua compreensão, pois acreditamos que através desse estudo estamos contribuindo, para ampliar a discussão acerca do tema relacionado às questões educacionais, produzindo conhecimento sobre as crianças e a escola.

Dado a necessidade da leitura e a escrita para a vida do educando, e por acreditar na possibilidade de se formarem pessoas mais conscientes e questionadoras, nos sentimos estimulados a trabalhar esse tema.

Temos como objetivo analisar o processo de leitura e escrita desenvolvida no cotidiano da referida, identificar o nível de desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos, descobrir as principais dificuldades dos alunos na interpretação da leitura e da escrita, refletir sobre a importância da leitura com os professores e alunos e observar a prática pedagógica do professor nas atividades de leitura e escrita.

Nesse trabalho, afetou-se por uma pesquisa de caráter exploratória numa abordagem qualitativa, que de acordo com Gonçalves (2001, p.68) “A pesquisa preocupa-se com a compreensão com a interpretação dos fenômenos o significados que os outros dão a suas praticas, o que impõem ao pesquisador uma abordagem hermenêutica”.

Utilizamos como instrumento de coleta de dado, questionário elaborado com perguntas abertas e fechadas, o qual foi respondido por cinco (5) professores onde todos são graduados em pedagogia e doze (12) alunos do segundo ano do ensino fundamental.

Nos primeiro capítulo deste trabalho abordamos a construção do conhecimento da leitura e escrita, a leitura e a escrita na perspectiva social e um processo de desenvolvimento da leitura, onde todos esses itens constroem um referencial de qualidade para a educação, mostrando os enfoques necessários para que possamos entender melhor o que é a leitura e partir da ir, podem ser realizadas numerosas atividades cujo, o interesse depende de cada um.

No segundo capítulo realizamos análise dos dados referentes os questionários com os professores e alunos e análise do estagio. Onde levemos a uma reflexão mais ampla sobre papel da escola na sua formação, em realizar um trabalho educacional planejada e organizado.

CAPÍTULO I

1.1 A construção do Conhecimento da Leitura e Escrita

A temática leitura e escrita na alfabetização vêm sendo bastante discutida dentro do sistema educativo. A aprendizagem da língua escrita tem sido objetivo de pesquisa e estudo nas últimas décadas, cada uma delas privilegiando uma das facetas dessa aprendizagem. Segundo Cagliari (1995, p.96)

Um dos objetivos mais importantes da alfabetização é ensinar a escrever. A escrita é uma atividade nova para a criança, e por isso mesmo requer um tratamento especial na alfabetização. Espera-se que a criança no final de um ano de alfabetização, saiba escrever e não que saiba escrever tudo e com correção absoluta.

Nesta perspectiva entendemos que os professores de alfabetização devem ser bem preparados, atualizados e dinâmicos de forma que tenham um bom embasamento teórico a respeito da natureza da escrita, seu funcionamento e suas diversas formas e situações de uso. É necessário também que os professores se preocupem com as formas gráficas da escrita. Ainda, de acordo com Lemle (1998, p.5).

[...] para levar sua tarefa a termo com sucesso, com professor das classes de alfabetização é, de todos, o que enfrentam logo de saída os maiores problemas lingüísticos, e todos de uma vez. O momento crucial de toda seqüência da vida escolar é o momento da alfabetização.

Historicamente, a escrita foi uma invenção construída através de um sistema de representação, ao contrario do que se pensa que a escrita foi construída por um sistema de codificação. Esses dois sistemas estão diretamente envolvidos no processo de escolarização da criança, que muitas vezes reinventam esses sistemas. Como nos diz Ferreiro (1995, p.12).

A invenção da escrita foi um processo histórico de construção de um sistema de representação, não um processo de codificação. Tradicionalmente, a escrita é representada de forma anual: através representação ou codificação na representação, os elementos e as relações não se encontram predeterminados. Enquanto que na codificação os elementos e as relações da escrita já estão predeterminados.

A criança na fase de alfabetização produz espontaneamente o que compreende sobre a natureza escrita, mas nem sempre essa produção é espontânea da escrita da criança e sempre aceitar como conhecimento. Ferreiro (1995, p.30) faz uma importante colocação, quando diz que, "há práticas que levam a criança à comunicação de que o conhecimento é algo que os outros possuem e que só pode obter da boca dos outros, sem nunca ser participante na construção do conhecimento".

Muitas vezes, as praticas da língua escrita utilizadas no contexto escolar deixam o aluno de fora. Pois é criado pelo adulto como uma formula única, onde o conhecimento pertence somente a ele. Isso cria na criança a convicção de que o conhecimento é algo que só pertence aos outros. No entanto, a criança no seu cotidiano, se depara com diversos tipos de escrita, antes mesmo de ingressarem numa instituição escolar, principalmente aquela que reside na zona urbana, numa instituição. Portanto, a criança que entra na escola já traz uma bagagem sobre a escrita social, com informação desordenada, contraditórias. Porem são informações que compõe a linguagem escrita do seu contexto social. O reforço a essa idéia e evidenciado por Ferreiro (1995, p.37) quando diz que “a escrita é um objeto de uso social, com uma existência social (e não apenas escolar)”.

E necessária reconhecer que a alfabetização é entendida como a aquisição do sistema convencional da escrita, e que ela são tem sentido quando desenvolvida no contexto de praticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas praticas. Segundo os PCNs (1997, p.35)

A alfabetização, considerada em seu sentido restrito de aquisição de escrita alfabética, ocorre dentro de um processo mais amplo de aprendizagem da língua portuguesa. Esse enfoque coloca necessariamente um novo papel para o professor das series iniciais: o de professor de língua portuguesa.

Os professores devem ter orgulho de participar da aventura maravilhosa que é o desafio de alfabetizar. Uma aventura que exige mudanças e que implica assumir riscos, um deles diz respeito ao fato de que normalmente se dá mais atenção ao que é mais visível, nesse caso, a decodificação, quando deveria dá ênfase à compreensão e a comunicação mediante a escrita. É nisso que reside à necessidade de mudanças, pois o encontro dos alunos com os textos deve ser uma experiência comunicativa, seja qual for seu nível de leitura, o que não consegue deixando os alunos sozinhos com os textos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.34).

Ensinar a escrever textos torna-se uma tarefa muito difícil fora do convívio com textos verdadeiros com leitores e escritores verdadeiros e com situação de comunicação que os tornem necessárias. Fora da escola escrevem-se textos dirigidos a interlocutores de fato.

Objetivo do primeiro ano de alfabetização deve ser a aquisição por parte da criança dos mecanismos de decodificação grafonológica, ou seja, da decomposição da palavra escrita em grafemas, da sua conversão por mapeamento, em fonemas e da função dos

fonemas sucessivos de modo a obter a forma fonológica da palavra. Posto que este seja o meio mais eficaz de aprendizagem da leitura, devemos, logo no início da alfabetização, privilegiar atividades através das quais a criança descubra o princípio alfabético e adquira, em seguida, um conhecimento extenso do código alfabético, isto é, do conjunto das regras de correspondências, inclusive das regras contextuais. Assim, Lemle (1998, p.6) afirma que:

Os instrumentos de trabalho de um alfabetizador são abstratos e incluem alguns conhecimentos básicos sobre sons da fala, letras do alfabeto e língua. [...] além dos conhecimentos básicos, o alfabetizador precisa de outros dons para se sair bem.

Nesse sentido, percebemos que a leitura e a escrita na alfabetização tem sido foco de preocupação em nossas vidas. Porém é de fundamental importância explicamos as crianças desde cedo as diferentes formas de se escrever as letras. O que é escrito, de forma saudável e não como imposição através de exercícios meramente mecânicos impostos as crianças que não tem a mínima idéia de qual a finalidade destes exercícios, apenas praticam, concordamos com Cagliari (1995, p.122) quando diz: “conhecendo as letras e algumas sílabas, as crianças podem ser desafiadas a escrever algumas palavras que, colecionadas numa caixa, formam um rico material para a troca de experiência entre os alunos, possibilitando-lhes descobertas [...]”.

Podemos afirmar que o ensino da leitura e da escrita precisa apoiar-se ao mesmo tempo, em valores didáticos e pedagógicos. Pedagógicos na medida em que é necessário que o professor pratique ele próprio os escritos que propõe aos alunos, explicitar as normas e exigências, dê exemplo de leitor. Didáticos na medida em que é necessário que o professor socialize os escritos produzidos, articule a avaliação formativa com a somativa e trabalhe a reescrita e o aperfeiçoamento dos textos em uma perspectiva de aprendizagem colaborativa.

A compreensão do sistema de escrita exige um primeiro nível de reflexão sobre a língua, porque a língua foi aprendida em contexto de comunicação, mas, para compreender a escrita, é preciso considerá-la como um objeto em si e descobrir algumas de suas propriedades específicas, que não são evidentes nos atos de comunicação. A alfabetização apóia-se obviamente, no conhecimento que o indivíduo já tem da língua oral, seja conhecimento de estruturas sintáticas, seja do vocabulário que lhe permitam

compreende o tipo de fases as quais está exposto em seu meio lingüístico. Como afirma Lemle(1998, p.60)

[...] as vantagens advindas do sistema de comunicação amplo que é a língua escrita são, por sua própria natureza, contraditórias com a proximidade entre língua escrita e língua oral. A adesão os normas explícitas é um pouco rígidas para a língua escrita é uma necessidade, se queremos que elas nos permitam as comunicações diversas.

Assim, o que a alfabetização traz de específico não é a compreensão da linguagem, pois todas as crianças compreendem a linguagem antes de serem alfabetizadas. O que ela traz de específico é a capacidades de identificar e produzir a forma gráfica das palavras. Isso explica que devemos distingui entre objetivo.

Não há dúvida de que lemos para compreender, mas essa afirmação implica exatamente que ler e compreender. Ler é reconhecer as palavras escritas, portanto, esse processo de reconhecimento é uma condição, um passo necessário para a compreensão.

Estamos sempre veiculados a idéia de que a aprendizagem da leitura e escrita esta diretamente ligada à aprendizagem escolar. Nunca, ou quase nunca, acreditamos que a aprendizagem começou fora da escola. Desde o nascimento, a criança começa o seu processo de aprendizagem. E a escola peca em não utilizar esses conhecimentos que a criança traz quando ingressa na escola.

Desse modo concordamos com Freire (1994, p.8) quando diz que:

[...] a leitura da palavra e sempre precedida da leitura de mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetiza-se e, antes de mais nada, aprende a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavra mas numa relação dinâmica que vincular linguagem e realidade.

A primeira experiência com a leitura e com a escrita esta bem próxima de nós e da ligação que temos com o mundo que nos cerca o que demonstra que o processo de leitura precede o contato com os textos propriamente ditos, uma vez que o nosso cotidiano é perpassado por vários "textos". Segundo Martins (1994, p.43) "A leitura vai, portanto além do texto e começa antes do contato com ele".

Assim, a aquisição da leitura é um processo que se caracteriza pela utilização do conhecimento prévio, o leitor utiliza na leitura o que ele já saber o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de

conhecimento, como o conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto.

Nesse sentido Martins (1994, p.34) declara.

[...] criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acessos aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ela dá respeito. Algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, idéias, situações reais ou imaginárias.

Muitas vezes, as praticas da língua escrita utilizadas no contexto escolar deixam o aluno de fora. Pois é criada pelo adulto como uma fórmula única, onde o conhecimento pertence somente a ele. Isso cria na criança a conversão de que o conhecimento é algo que só pertence aos outros. Segundo Ferreiro (1999, p.17) “as criança são facilmente alfabetizáveis; foram, os adultos que dificultaram o processo de alfabetização delas”.

1.2 A leitura e a Escrita na Perspectiva Social

Sendo a leitura considerada como a porta de acesso ao mundo, ela é de suma importância para o sucesso ou adquirimos conhecimentos, entendemos o mundo que nos rodeia, interpretamos os fatos e as conseqüências, e tomamos consciência de que somos sujeitos da nossa historia. Martins (1994, p. 25) afirma que: “a leitura seria uma ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral dos indivíduos.”.

Vele salientar, que a escola tem por finalidade desenvolver a leitura na formação dos alunos, isso implica dizer que a leitura não se restringe a escola, ela é uma extensão da escola na vida dos alunos. É importante ressaltar que além de despertar reflexões e críticas a compreensão do ler e escrever continuamente, despertam idéias e objetos, trazendo previamente, de acordo com o processo de ensino-aprendizagem. Uma melhor integração de complexidade ideológica da época.

Segundo Ferreiro (1999, p.18).

A declaração sobre o “prazer da leitura” leva a privilegia a privilegiar um único tipo de texto: a narrativa ou a leitura de ficção esquecendo que uma das funções principais da leitura ao longo de toda escolaridade é a obtenção de informação a partir de textos escritos.

Podemos afirmar que por sua amplitude, a leitura não é restrita, ela é um conjunto complexo que envolve diversos problemas que dificultam a sua interpretação. A leitura é um processo de descoberta que necessita da assimilação, da interiorização e da reflexão do conhecimento. Para Martins (1994, p.23) “[...] ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de ‘ler pelos olhos de outrem’”.

Assim sendo, a leitura traz prazer, quando o indivíduo descobre que ela lhe dá o poder de conhecimento e a capacidade de associar idéias, planos, elementos aparentemente dispares ou dissociados no tempo e no espaço.

Ler é uma atividade essencialmente individual, a escola deve atentar para esse fato, contribuindo para desenvolver leitores e não coibir com avaliações errôneas, já que existem diversos tipos de leituras. Concordamos com Martins (1994, p.28) quando diz que.

O que é considerado matéria de leitura, na escola, esta longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro (seja de que espécie for) como desencadeado pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pelas publicações de caráter popular, de pelos diversos meios de comunicação de massa, em fim, pelo contexto geral em que os leitores se inserem.

Portanto, dentre as várias funções da escola uma se destaca como essencial na prática do educador que é a formação de leitores conscientes de seu papel na sociedade, a prática de leitura nas salas de aulas está distante de uma prática que promova a formação de leitores críticos e participativos, sobre tudo numa sociedade globalizada como a nossa. A sala de aula continua a ser um espaço monótono, no qual a interação, fator indispensável na constituição de sujeitos e de sentidos, é algo que existe.

Diante do exposto, Ferreiro (1999, p.48) assinala que:

É muito difícil que alguém que não ler mais do que absolutamente indispensável, possa transmitir “prazer pela leitura”; que alguém que evite escrever, possa transmitir o interesse pela construção da língua escrita [...].

Entretanto, faz-se necessário que o professor compreenda a sala de aula como um espaço interativo discursivo, enfatizando a leitura como um momento no qual os alunos tem a oportunidade de exercer sua identidade de leitor.

De modo geral, a leitura possui a função de inserir os sujeitos no mundo, analisando de forma crítica o seu contexto para compreendê-lo e assim transformá-lo. Martins (1994, p.34) reforça dizendo que “aprende a ler significa também aprender a ler o mundo, dá sentido a ele e nos próprios, o que mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados”.

Considerando que possuímos uma leitura de mundo, é imprescindível que a leitura lingüística, ou seja, da palavra, seja uma continuidade da mesma para torná-la dinâmica. A leitura tem o poder de dar novos sentidos a coisa e ambientes costumeiros.

Por isso, a sua prática quanto mais cedo acontecer, mais chances as pessoas adquirem o prazer de ler. A leitura instiga a curiosidade, ela é muito mais que um instrumento escolar, é um passaporte par a entrada na cultura escrita, também alicerce para a cidadania.

Progressivamente, é fundamental o despertar da leitura emocional, sensorial e racional. O reforço a essa idéia é evidenciado por Martins (1994, p.36-37).

Todareia, propondo-se a pensá-lo percebeu a configuração de três níveis básicos de leitura os quais são possíveis de visualizar como níveis sensorial, emocional e racional. Cada um destes três níveis corresponde a um modo de aproximação ao objeto lido.

Nessa direção, o propósito é compreender a leitura tentando desmistificá-la por meio de uma abordagem despreziosa, mais as que permitem avaliar aspectos básicos do processo, dando margem a se conhecer mais o próprio ato de ler, sendo que esse aspecto se relaciona com a própria existência, incitando a fantasia, o conhecimento e a reflexão a cerca da realidade.

Para Martins (1994, p.38) “se a leitura tem mais mistério e sutilezas do que a mera decodificação de palavras escritas tem também um lado de simplicidade que os letrados não se preocupam muito em revelar”. Assim, o ato de ler ultrapassa a decodificação de letras, decifração de palavras.

Contudo, a leitura deve ser prazerosa, não um exercício mecânico como ocorre em diversas escolas. Ler na escola é para inserir-se na sociedade, atentando para a leitura como um conjunto de práticas culturais que envolvem uma compreensão de mundo diferente daquela dos que não tem acesso à leitura.

Portanto, ler e reler o mundo para transformá-lo constitui uma necessidade e um desafio permanente. Oferecer recursos para enfrentar esse desafio é um compromisso que a educação deve assumir com as pessoas.

A leitura e aprendizagem são indubitavelmente pautas indispensáveis no contexto educacional, isso se explica pela relevância da leitura como função social. Portanto, a leitura é requisito básico para que a pessoa ingresse no mundo letrado, para conseguir entregar-se a sociedade de forma ativa e mais autônoma possível. Nesse sentido nos acostamos a Kleiman (1998, p.7) quando diz que “o ensino da leitura é fundamental para dar solução a problemas relacionados ao pouco aproveitamento escolar” [...].

1.3 O Processo de Desenvolvimento da Leitura

Inicialmente, é preciso lembrar do papel da escola na formação do leitor. Entende-se também que a aquisição da leitura e da escrita, é um embasamento que a leitura prévia que já temos assimilado, mesmo que seja de forma indireta. Assim, concordamos também com Zilberman e Silva (1998, p. 32), quando afirmam que:

[...] a escola freqüentemente não aceita traços de oralidade nas redações das crianças; em leitura, a escola espera que a criança seja capaz de ler logo materiais como história ciências e geografia no gênero dissertativo[...].

Nesse sentido, a escola não aproveita a leitura que o aluno possui ao ingressar nela, ou seja, a leitura de vida.

Quando se tem oportunidade de leitura, tem-se de forma eficaz certo contato com o saber e compreensão do que realmente pretende-se alcançar. Dessa forma, a aquisição referente ao processo de leitura, deve ser introduzida de maneira ampla, simples e objetiva, abrindo oportunidades para que os educandos sintam-se bem com a aproximação do ato de ler. Segundo Coste (1997, p.20): “o bom leitor é ativo e criativo, mas os componentes sociais de sua competência aparecem muito pouco nas considerações relativas a sua capacidade de leitura”.

Ler e escrever, são particularidades formais e funcionais, são também considerados competências mais especificadas desenvolvidas no ambiente escolar. Logo, os textos escritos de uso mais familiar, como os textos de domínio público são objetos do estudo

sistemático na escola. Porém, a escola precisa abordar essas atividades de forma prazerosa uma vez que:

Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido. (KLEIMAN, 1998, p. 16)

Assim, quando se tem o ato da leitura como hábito e prazer, sem dúvida nenhuma, tornamo-nos mais esclarecidos, reflexivos e com a visão de mundo bem mais ampla. A leitura não envolve, pois somente o processo pedagógico, envolve também os sociais, os históricos, o econômico, seja ele em qualquer época ou situação. Zilberman e Silva dizem que:

O leitor, na medida em que ler se constitui, se representa se identifica. A questão da compreensão não é só do nível da informação. Faz entrar em conta o processo de interação, a ideológica. (1998, p. 27)

Nessa perspectiva, o aluno precisa dominar habilidades que capacitem a viver em sociedade, atuando de maneira adequada e relevante, nas mais diversas situações de comunicação. Para tanto, o aluno precisa interagir verbalmente, isto é, precisa ser capaz de compreender e participar de um diálogo ou, de uma conversa, de produzir textos escritos, dos diversos gêneros que circulam socialmente. Zilberman e Silva (1998, p.38) afirmam que: “Em todas as sociedades letradas, os que têm acesso à escrita podem desenvolver quatro habilidades no uso da língua: falar e escrever, ouvir e ler.”.

A compreensão por parte do leitor não deve só ser do nível de informação, mais que ele seja de interagir, mas que se posicione com uma postura crítica e ideológica, atual e participativa. Segundo Kleiman (1998, p.35).

[...] o professor deve proporcionar contextos a que o leitor deva recorrer, simultaneamente, a fim de compreendê-lo em diversos níveis de conhecimento, tanto gráficos, como lingüísticos, pragmáticos, sociais e culturais.

Voltemos então à questão da escola. A escola também tem um importante papel nesse processo, para a formação crítica do educando, pois ela é uma pedra fundamental em sua construção onde a mesma estabelece uma ligação direta com a aquisição do processo de leitura dentro da sala de aula. A escola deve trabalhar na perspectiva de informar leitores que compreendam o significado da leitura e que tenham afinidades com a mesma. Nesse contexto, Coste aborda que:

Aprender a ler consistira, então, em saber estabilizar, estruturar essas categorias interpretativas, melhora-las, refiná-las, ate mesmo modifica-las quando isso se fizer necessário, em explorar os dispositivos de decodificação já presentes no espírito da criança (1997, p. 37).

Para que a leitura faça sentido em nossas vidas para além dos muros e obrigações escolares, se faz necessário trabalhar com a variedade de textos que circulam na sociedade. Textos que estabeleceram uma diversidade de objetivos e modalidades de leitura. Para tanto é preciso promover a interação dos alunos com diferentes textos escritos e múltiplas situações de leitura. Concordamos com Kleiman (1998, p.24) quando diz que: “[...] é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreender o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto”.

Além de compreender bem o que se está lendo tem que se por em prática essa compreensão de forma que a mesma possa abrir caminhos e oportunidades. Ler não é apenas identificar o que está escrito. Ler é também saber questionar e se comunicar consigo mesmo e com os demais, construindo desse modo seus valores.

Todavia, há a preocupação de não colocar a leitura como obrigação. Isso acarretaria a formação de leitores “técnicos”, ou seja, aqueles que conseguem ler e não conseguem compreender. Portanto, a leitura precisa ser apresentada de forma livre para que o aluno tenha prazer pela leitura. Para Coste (1997, p.113):

Trata-se, portanto, não de introduzir em sala de aula textos de imprensa “autênticos”, mas de apoiar-se na diversidade de situações de produção dos “verdadeiros” textos, para treinar os alunos para uma recepção “autentica” da comunicação escrita.

Aplicar valores significativos e construtivos, identificar e trazer compreensões favoráveis para si e para a sociedade é também uma forma de educar, pois quando se educa, participa ativamente da vida social e coletiva.

É preciso observar que a questão da inteligibilidade e complexa. Os que têm pouca escolarização é conseqüentemente pouco contato com a cultura de letra mento podem ter muita dificuldade para entender certos textos. Essa dificuldade de entendimento tem de ser levada em consideração por representar um forte entrave para a inclusão social. E como diz Zilberman e Silva (1998, p.14):

[...] é importante aprender a ler, porque a condição de leitor é requisito indispensável à ascensão a novos graus do ensino e da sociedade; configurar-se, assim, como patamar de uma trajetória bem sucedida, cujo ponto de chegada culminância são a realidade pessoal e econômica.

Em suma, podemos afirmar que a leitura é essencial em nossas vidas, pois como a escrita, faz parte do nosso sistema de comunicação. A leitura está presente em tudo, pois lemos para compreender, ou para começar a compreender.

CAPÍTULO II

2.1 Estudo de caso

O estudo de caso é uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados. A observação do estudo é uma técnica muito utilizada, principalmente por que pode ser associados a outros procedimentos como, por exemplo, a entrevista. Para ser considerada eficaz a pesquisa, científica, tem de observar compreender o que é essencial e fazer o registro. Devemos ainda lembrar que a observação deve ser: “Orientada por um objetivo de pesquisa planejada, registrada e ligadas por um objeto de pesquisa, planejada registrada e ligada a proposição mais gerais e que, além disso, deve ser submetida a controle de validade e precisão.” (GIL apud MATOS, 2002,p.58).

A observação, mesmo quando não segue um rígido planejamento, possibilita o acesso direto a informação e ajuda, em muitos casos na delimitação do problema e delineamento da pesquisa.

Este estudo foi realizado na Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima, na cidade de Mato Grosso-PB com 12 alunos e 5 professores. Foi realizado no 2º ano no ensino fundamental. No estagio foi utilizado materiais concreto e vários outros.

Nas observações deu para perceber que os alunos não têm o hábito de ler, e nem sabe a importância da leitura na sala de aula, através dos questionários observamos também que as crianças não têm o prazer de pega um livro e ler, as mesmas só pensam em televisão e brincadeiras.

2.2 Análise dos Questionários dos Professores

Os professores entrevistados, todos tem curso superior são ingressados através de concurso públicos e tem uma média de 12 anos de serviço.

(professora B) disse que. “A aquisição da escrita se dá através da leitura, a criança, vivencia usos de escrita, percebendo que se escreve para se comunicar”.

Questionando de quais os tipos de leitura que vocês trabalham com os alunos? Cite-os: Todos os professores (A B e C) afirmaram que “Trabalham a leitura de textos, revista, poema, poesia, contos, fábulas, história em quadrinho e infantil”.

Diante das repostas obtidas os professores assumem a responsabilidade de colocar o educando em contato com a leitura, para despertar o gosto pela leitura. No tocante de quais as vantagens de trabalhar com textos?O desenvolvimento de pratica de leitura devem despertar o interesse por parte dos alunos em realizá-lo e podemos constatar que nem sempre isso acontece na prática como fica evidente na fala dos educadores entrevistados ao dizer que “Na minha, opinião trabalhar com textos, apesar de ter muita dificuldade é muito importante para o aluno desenvolver sua aprendizagem e ser tornarem bom leitores” (professora A).

As professoras (B e C) Responderam. “Muito se tem discutido a respeito de como trabalhar textos nas escolas por esta não ser uma tarefa fácil, encontra-se nas salas de aulas uma forte resistência, da parte dos alunos, em relação à leitura e a produção de textos. Mas sabemos que a leitura é à base do ensino, e a aprendizagem de língua portuguesa”.

Ao serem questionados. De como motivar a turma na hora da leitura?As professoras (A, B, C) disseram que o primeiro passo para a leitura é deixá-los curiosos para o que vão ler, fazendo um comentário sobre a historia do texto a ser lido, em seguida conscientizar a turma para se escrever e ler bem é preciso praticar muito, comentaram que é importante incentiva-los lendo, mostrando os desenhos, gravuras da história, fazendo com que eles tomem o gosto pela leitura. Assim nessa perspectiva esses professores concordam com Passos (1991, p. 69) quando diz que “Alguns professores para desenvolverem seu processo de ensino poderiam criar situações que favorecem a aprendizagem dos alunos”.

Ao serem indagados sobre qual a importância da leitura?As professoras (A C) disseram “que a leitura é de grande importância, pois a mesma e o foco principal de toda a aprendizagem”. A professora (B) respondeu que a leitura é algo crucial para

aprendizagem do ser humano, pois é através dela que enriquecemos nosso vocabulário, obtemos conhecimentos, E é através da mesma que descobrimos um mundo novo, e é ela que nos proporciona a capacidade de interpretação.

Lendo e analisando as respostas dos docentes podemos ver que eles caracterizam a leitura com amplos conceitos não restringindo apenas a decodificação.

Assim, percebe-se que o conceito de leitura explicitado pelos docentes, é amplo e complexo, o que se acredita fazer a diferença significativa nas propostas de atividade que adentram no âmbito escolar e que dão significados, pois quanto mais restrito o conceito de leitura menos importância se dá a esta atividade dentro do cotidiano escolar.

Para tanto, pode-se dizer que aprendemos a ler lendo e vivendo. Mediante essa convicção, aprendemos a ler através do nosso contexto pessoal e por isso devemos valorizá-lo para abrir as fronteiras do conhecimento. Que segundo Martins (1994, p.87) “O homem lê como em geral vive, num processo permanente de interação entre sensações, emoções e pensamento”.

Quando questionamos se na escola existe algum projeto de leitura?As professoras (A, B e C) disseram que criaram o continho da leitura. Nessa perspectiva nos como educadores devemos dar ao nosso educandos, subsídios para que a leitura e a escrita, propiciem seu desenvolvimento cognitivo, permitindo que se tornem capazes de pensar e agir sobre o mundo de maneira independente, crítica e criativa.

2.3 Análise dos Questionários dos Alunos

Com objetivo de discutir e analisar as deficiências inerentes do processo de ensino e aprendizagem do ato de ler e escrever foi elaborado um questionário preenchido por 12 alunos do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Maria de Lourdes de Lima na cidade de Mato Grosso-PB.

Ao perguntar aos alunos “onde eles gostavam de ler” (seis) 6 alunos disseram que gostavam de ler no livro e (cinco) 5 disseram que gostavam de ler no quadro.

Sendo assim pode-se perceber que as práticas de leitura costumam acontecer no livro didático, onde muitos educadores se prendem a prática formalista e mecânica, quando o

aprendizado se restringe a decorar signos lingüísticos, prevalecendo a “pedagogia do sacrifício” onde a função da leitura é sacrificada ao simples fato de “Aprender, por aprender” “Cultivando a cultura do silêncio”.

Sendo a leitura o passo mais importante para a formação intelectual. Martins (1994, p.25) diz que: “A leitura seria uma ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral dos indivíduos”.

Embora os professores se digam, impotentes diante de tantas dificuldades em relação à leitura, diante disso, não estaria esse o problema ligado à limitação da leitura a escola? Quando perguntei aos alunos se a leitura era importante todos os dias, todos os alunos responderam que sim.

Com a resposta dos alunos podemos ver que eles gostam de ler acreditam na importância da leitura. Por isso é necessário que os educadores estimulem o ato de ler dos alunos trazendo para sala de aula revista, conto, jornais, história infantil, poesias e fábula, para estimular nos educandos sua criatividade e curiosidade, despertando neles o gosto pela leitura. Que de acordo com os PCNS (2001, p.56). Quando afirma que.

Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os já leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato: é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivos e ajuda de leitores experientes.

Indagando sobre “Quais os tipos de textos que vocês gostariam de ler”. (três) 3 alunos disseram que gostam de ler textos com imagens e letra e (nove) 9 responderam que gostam de ler todos os tipos de textos.

Podemos perceber a importância de o professor trabalhar na sala de aula com diversos tipos de textos. Nesse sentido os PCN’S (2001, p.55) afirmam que.

[...] a escola deve oferecer materiais de qualidade modelos de leitores proficientes e prática de leitura eficazes. Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula ou apenas no livro didático.

A outra questão perguntava “se os alunos tinham aprendido mais no cantinho da leitura”. Todos os alunos responderam que sim.

Nesse sentido percebemos o quanto é importante o contato dos alunos com diversos gêneros textuais os quais despertam o prazer pela leitura. Nessa perspectiva os PCN’S (2001, p.55) dizem que: “È a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura. O trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até, ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes”.

A próxima pergunta falava de quais “os materiais para uma leitura bem motivada”. (sete) 7 alunos responderam com dinâmica e (cinco) 5 disseram com jogos.

Quando a leitura é feita através de jogos e dinâmica, ela deve instigar a curiosidade para enriquecer o imaginário, isso ocorre devido à maneira em que os textos são expostos e quando o leitor de alguma forma se identificar com o que lê. Aprendemos a ler a partir do momento em que organizamos nosso pensamento através das situações vividas e estabelecemos relações entre as experiências e as possíveis soluções para os problemas existentes. Nesse sentido Martins (1994, p.39) afirma que: “Esse seria, digamos, o lado prazeroso do aprendizado da leitura”.

2.4 Análise do Estágio

O estágio foi realizado na escola Maria de Lourdes de Lima na cidade de Mato Grosso-PB no período de setembro a outubro de 2009, com a turma do 2º ano do ensino fundamental, a escola é considerada boa porque visa à melhoria no desenvolvimento da leitura no processo de ensino e aprendizagem.

No primeiro dia de texto o patinho feio, eles gostaram muito. Em seguida nós fizemos um círculo, lemos o texto com muito entusiasmo, identificaram os personagens do texto um aluno leu o texto e dramatizou a fala de cada personagem, foi muito proveitosa a aula, depois se vestiram com máscara, fantoches que representaram bem detalhadamente as personagens apresentados no texto, fizeram uma bonita dramatização do patinho feio.

No segundo dia de estágio trabalhamos o texto que tinha como título. (porque lavamos as mãos antes de comer). Logo em seguida lemos com bastante entusiasmo a leitura,

destacando as palavras desconhecidas. Depois da leitura entreguei um dicionário para cada um para eles procurar as palavras desconhecidas, quando terminou cada aluno leu uma palavra e seus significados, foi muito proveitoso, todos prestaram muita atenção, cada um queria terminar primeiro. Depois surgiram várias palavras desconhecidas e foram procurando no dicionário seus significados e comentando com os colegas, foi muito divertido e eles aprenderam bastante.

No terceiro dia trouxemos para sala de aula a história da (fábula) A bela e a fera, que tinha com objetivo desenvolver a leitura dos alunos bem como a interpretação oral e escrita, fazendo com que cada um expressasse sua oralidade. Em seguida marcaram as palavras desconhecidas do texto onde utilizaram dicionário para saber seus significados, houve também a ilustração do texto através de desenhos, logo depois alguns alunos produziram pequenos textos como mesmo tema apresentado, depois houve a interpretação oral com todos os alunos.

No quarto dia trabalhamos o Hino Nacional Brasileiro, onde primeiramente as crianças ficaram em fileiras, cantando juntos acompanhando com o som da escola, logo depois houver a discussão da estrofe que contem no hino, em seguida os alunos criaram textos que continham estrofes, pintaram as ilustrações, dessa maneira a aula se tornou muito atrativa, todos gostaram e aprenderam a cantar a letra da música o Hino Nacional Brasileiro.

Na segunda semana trabalhamos com vários tipos de revistas, fazendo com que as crianças sentissem o gosto pela leitura e houve uma boa participação na aula. Nesta aula eles se interessaram bastante, procurando as principais notícias. No final da aula cada aluno constituiu capas de revista foi muito legal.

No sexto dia trabalhamos higiene pessoal, mostrando objetos como: creme dental, escovas, sabonetes e vários outros. Em seguida perguntei pra que serve esses objetos? Todos responderam de uma só vez, que todos aqueles objetos mostrados servem para a higiene do nosso corpo.

No sétimo dia de aula trabalhamos história, tendo como objetivo reconhecer o nome das ruas de nossa cidade logo em mediato saímos em direção à cidade visitando rua por rua, observando todas as placas e lendo juntamente com os alunos. Depois da visita

voltamos para sala, em seguida pedir aos alunos que lembrassem o nome de algumas ruas, mencionando alguns pontos de referência. Logo depois as crianças escreveram o nome da rua de seu colega da direita depois leram com muito interesse.

No oitavo dia da semana trabalhamos o texto (A formiga e a cigarra), onde os alunos fizeram as comparações com um animal de suas preferências, fizeram à imitação de vários tipos de animais como: gato, porco, peixe, girafa e vários outros, foi muito proveitosa á aula. Depois leram o texto e fizeram à interpretação.

No último dia da semana do estágio trabalhamos novamente com dicionário entregamos o texto (porque lavamos as mãos antes de comer) e um dicionário para que cada aluno, fosse lendo as palavras que não o conheciam e fosse marcando para procurar no dicionário seus significados, em seguida houve a discussão, foi muito proveitoso, para aprendizagem dos alunos, trabalhar com palavras desconhecidas.

Na terceira semana trabalhamos o texto (um amigo por correspondência). Primeiro lemos o texto juntos, em seguida cada aluno leu seu texto individual, depois houve a discussão oral e coletiva envolvendo toda sala, logo depois as crianças trabalharam com dicionários procurando os significados das palavras desconhecidos. Houve também ilustração de texto e alguns alunos produziram um textinho. De acordo com Cagliari (1995, p.105). “A motivação da escrita é sua própria razão de ser; a decifração constitui aspecto mecânico de seu funcionamento”, pois não basta apenas decifrar os códigos lingüísticos, é necessário interpretar, levando em consideração todo um contexto seja ele social, cultural, histórico, individual, etc. Como afirma Cagliari (1995, p.103), “A função da escrita é permitir a leitura de forma espontânea e prazerosa, procurando ainda mais ampliar o universo lingüístico da criança, através de gênero textual. Incentivando-as a escreverem historias em geral de acordo com as suas necessidades”. Para finalizar a aula as crianças pesquisaram em outros fabulas e fizeram à interpretação dos textos estudados. Todos se interessaram foi muito legal, adorei trabalhar textos com eles.

No décimo dia, trabalhamos as dependências da escola, onde fizemos um passeio dentro dela, fazendo com que eles observassem as placas escritas nas portas, lendo cada uma delas. Retomando a sala fizemos à discussão envolvendo outro tipo de dependência que poderia existir na sala, alguns alunos escreveram no caderno os nomes que continham na placas e outros parte da turma desenharam a escola e todas suas dependências.

No décimo primeiro dia, trabalhamos com vários tipos de alimentos saudáveis, explicando vários tipos de alimentos que fazem bem para nossa saúde, apresentei cartazes com a figura de vários alimentos perguntando, quais deles fazem bem a nossa saúde, e quais deles prejudicam a nossa saúde depois fiz um comentário dos alimentos, em seguida pedir que as crianças, citassem exemplos, de alimentos saudáveis. Mostramos vários alimentos depois entreguei um texto falando em alimentação saudável, foi muito bom trabalhar os alimentos com os alunos aprenderam bastante.

No décimo segundo dia trabalhamos com portadores de textos: história em quadrinho, ensinando as crianças a separar as sílabas das palavras retiradas da história em quadrinhos para as crianças, em seguida cada aluno leu uma parte depois comentaram sobre a história. Escreveram no quadro lendo sílabas por sílaba, explicando que toda palavra se separa e essa separação chama-se sílabas.

No décimo terceiro dia, trabalhamos com rótulos de produtos comestíveis, onde podemos identificar a serventia do produto e o local que é fabricado e comprado. Explicando também os ingredientes que compõem os produtos, no primeiro momento os alunos ficaram em círculo na sala, apresentei uma caixa surpresa, contendo vários rótulos de produto que podemos utilizá-los para a alimentação. Depois houve a verificação nos rótulos dos ingredientes que compõem o produto. Havendo a participação ativa dos alunos, manuseio dos rótulos, seleção de rótulos e os materiais utilizados: caixa de papelão, pincel e tesoura.

No primeiro dia da última semana do estágio trabalhamos com o jornal, onde houve o conhecimento prévio dos alunos, divisão da turma em grupo, distribuição de um jornal para cada grupo, leitura das ilustrações do jornal, aula expositiva sobre os diferentes tipos de textos presentes no jornal que contém anúncios, recontagem de anúncios para montagem do painel, foi muito divertida a aula. Havendo também a construção e exposição de anúncios individuais. A diversidade e a qualidade dos textos. Provavelmente, podem auxiliar o professor como mediador entre os alunos e o mundo do conhecimento. A leitura por um lado, fornece a matéria prima para a escrita, o que escreve. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever. Por isso, é importante lembra também que as atividades possibilitaram ao aluno hipóteses sobre como se escreve as palavras, refletirem sobre possíveis alternativas de grafias, comparar

com a escrita convencional e tornar progressivamente consciência do funcionamento da ortografia dentro da linha.

Para os alunos não acostumados com a participação e atos de leituras, que não conhecem o valor que possui a leitura, é fundamental ver seu professor envolvido com a leitura e com o que conquista por meio dela, ou seja, ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também. Lembramos que um bom leitor precisa compreender o que lê, deve perceber a relação entre os textos lidos, precisa interpretar e descobrir os elementos implícitos e construir o significado a partir do texto, mesmo antes de tê-lo. Segundo Kleimam (1998, p. 40).

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimentos prévios: O leitor utiliza na leitura o que ele já sabe o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, com o conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto.

No décimo sexto dia, trabalhamos com o poema (claudinha a camponesa) onde os alunos leram em voz alto despertando o gosto poético dos educandos. Houve a exposição do cartaz com a letra do poema, em seguida a ilustração e a produção de um poema. Logo depois surgiram várias perguntas em relação às estrofes e as palavras que rimam. Para finalizar a aula teve a leitura oral e individual de toda a turma.

Décimo sétimo dia trabalhamos com receita de iogurte, discutindo os ingredientes necessário. Para fazer a receita de iogurte, lendo os nomes dos ingredientes, em seguida as crianças falaram da importância do iogurte é o modo de fazer, foi muito divertido.

Décimo oitavo dia voltamos a trabalhar com o texto “Por que criança não pode trabalhar”, no primeiro momento houve a distribuição de texto xerocado para cada aluno. A leitura coletiva do texto com o auxílio da professora, leitura individual e fragmentada do texto exposição dialogada sobre os direitos e deveres das crianças, havendo a confecção de um painel com fotografias expondo trabalhos que as crianças podem ou não fazer, verificação ativa das habilidades dos alunos em identificar seus direitos e deveres.

Contudo, a leitura também implica o estabelecimento de propósito e a seleção da modalidade de ler uma das condições necessárias para que a experiência de ler seja prazerosa e que a leitura satisfaça um propósito isto é, seja significativa para o leitor. A

significativa e o interesse caminham juntos, de modo geral, e significativo para o leitor àquilo que se relaciona à sua vida, que desperte a curiosidade, que ajude a compreender o mundo ou a criar mundos imaginários, que respondem a seus problemas, que lhe permite melhor relaciona-se com os outros. Como diz Bacelar (2000, p.51).

Nas atividades de leitura, o papel do professor será de favorecer ao aluno a oportunidades de interagir com a linguagem escrita, de usá-la de modo significativo tal como o faz com a linguagem oral ou de aluno será de descobrir, observar, categorizar compreender, contribuir, pois somente elaborando hipóteses, testando-as a os dados confirma-las ou modifica-los é que o sujeito constrói novos esquemas interpretativos sobre as funções e o funcionamento da linguagem escrita e se desenvolve como o leito.

No último dia do estágio iniciamos a aula com um pequeno texto (cara da lua cheia) onde as crianças leram o texto juntamente com a professora, fazendo com que todos prestassem atenção na leitura coletiva envolvendo toda a turma, houve também o comentário da interpretação do texto, através da leitura oral.

O presente estágio teve início todos os dias com brincadeiras e dinâmicas, onde todos os alunos tiveram a oportunidade de se expressar e participar das brincadeiras. Havendo a exploração do conteúdo escrito, oral e ilustração de textos.

Durante as atividades percebemos a dificuldade que os alunos encontram no desenvolvimento da leitura e na interpretação, por isso que nos professores devemos pensar e repensar a nossa pratica de ensino e trazer para sala de aula vários tipos de leitura para que os alunos tenham o contato com as diversidades, para que torne bons leitores e interpretadores. Dessa forma, ler e reler o mundo para transformá-lo se constitui numa necessidade e um desafio permanente. Oferecer recursos para enfrentar esse desafio é um compromisso que a educação deve assumir com as pessoas.

Portanto, por já termos experiência gostamos muito desse período de estágio foi uma retomada na minha vida de transformação me sentir realizada como professora, pois acredito que a educação e o caminho para muitas mudanças importantes no nosso país. Diante disso tudo só fez aumentar minha esperança, minha crença de uma educação de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho proposto tem como título: leitura e escrita na escola. Dominar a leitura e escrita continua sendo um luxo inacessível a um grupo de brasileiros de todas as idades, cujo número ninguém sabe ao certo. Ajudar esses excluídos a conquistar a cidadania e os direitos que a sociedade da escrita concede a quem manejam suas ferramentas com competências é um grande desafio. Um desafio ao qual são chamados, nos professores, sobre todos aqueles que trabalham diretamente nas séries iniciais a procurar os possíveis caminhos que levam a aprendizagem da leitura e da escrita.

Nessa perspectiva cabe a nós educadores busca informações e conhecimento que facilitem a prática desse trabalho, acreditando que quando paramos para refletir sobre essas dificuldades e construirmos possíveis caminhos para minimizar a situação, conseguiremos, alcançar os nossos objetivos, quando estes são executados em conjunto.

Esse estudo objetiva analisar e refletir sobre o processo de leitura e escrita desenvolvido no cotidiano escolar. O universo da leitura e da escrita envolve o ser humano por todos os lados, estimulando a aprendizagem, tarefa delegada a escola por ocasião das séries iniciais.

Nem sempre os resultados são positivos e muitas crianças acabam por ficar excluídas do mundo das letras, aquele mesmo que os rodeia e que gostariam de decifrar.

Isso impulsionou a escolha dessa temática, dada a importância do professor em promover a prática desse processo para que o aluno perceba que a leitura e a escrita esta intimamente ligada à formação do cidadão e assim, em quanto sujeito ativo leia a realidade em que está inserindo.

Por isso é preciso que a leitura na escola seja fundamental, um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido pra o aluno, isto é, atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, a objetivos, de realização imediata. Isto significa trabalhar com diversos tipos de textos e modalidades que caracterizam a leitura.

de elementos discursivos. É preciso que a escola ofereça materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leituras eficazes.

Nesse sentido, é que nós como professores, devemos trabalhar a leitura de maneira prazerosa com os educando, deixando que os alunos escolham o livro que lhe interesse, seja pelo gênero, pela imagem, pela capa, pela letra, pelo tamanho, e não por indicação obrigatória do professor. Isto é o estabelecimento de propósito e a relação de modalidade de ler é uma das condições necessária para que a experiência de ler seja prazerosa é desperte o gosto pela leitura. Para isso, o professor precisar também ser um leitor, ou seja, tornar-se leitor para estimular a leitura, pois o principal sujeito da mediação da leitura na escola e sem dúvida o professor.

Por fim, é fundamental ressaltar que não somente nas aulas de leitura de língua portuguesa, mas em todas as situações em que se pretende ensinar por meio da linguagem, é interessante ampliar a gama de gêneros do discurso, com diferentes conteúdos, estilo e formas. Pois apropriação de um maior leque de gêneros de diferentes esferas sociais pode ser um instrumento para que os alunos participem na produção do discurso escrito de modo pleno no universo letrado. Nesse sentido ler significa não só aprender o significado, mas também trazer para o texto lido a experiência e a visão do mundo do leitor.

É importante dizer que a leitura desenvolve-se de modo mais eficaz em situações que oferecem ampla gama de estímulos da linguagem oral e escrita, que proporcionem experiências significativas e que criem um ambiente motivador para ler, pronunciar-se por meio das mais diversas modalidades da linguagem. No entanto a leitura é tida como um instrumento de poder ou de libertação depende por quem ela é concebida. Podendo ser uma conquista de autonomia e da ampliação de novos horizontes.

Sendo a leitura e a escrita atividades cognitivas. No entanto, a escrita não representa todos os aspectos da leitura, pois nem sempre ocorre leitura quando as palavras são decifradas. O ato de ler vai além da escrita muitas vezes lemos sem um entendimento do que estamos lendo, daí o desafio de superar essas dificuldades de leitura e entendimento, é importante oferecer aos educandos estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a superar a essas necessidades que encontramos no dia -a -dia. Pois um bom leitor precisa compreender o que lê, deve também perceber a relação entre os

textos lidos, precisa interpretar e descobrir os elementos implícitos e construir o significado a partir do texto, mesmo antes de tê-lo.

Após o término deste trabalho que fala um pouco da história da leitura, posso dizer que o professor deve valorizar o conhecimento prévio das crianças, fazendo com que eles se interessem pelas atividades em sala de aula, ajudando nas dificuldades que eles encontram, tirando as dúvidas, fazendo comentários a respeito do assunto estudado.

De acordo com os questionários aplicados aos professores podemos perceber que eles, têm como o método principal, é o despertar o hábito da leitura, com os alunos, e em relação ao questionário aplicados aos alunos podemos observar que os alunos não se interessam pela leitura, por isso que nós professores devemos procura uma maneira de incentiva os alunos para que eles tomem gosto pela leitura.

Contudo durante esse processo de estágio e estudo tivemos uma visão de conhecimento experiência diversa que serviram para exercer uma profissão de educadora. Dessa maneira podemos assim ver que o trabalho como educadora requer muita paciência e competência para que assim possa ser um mediador profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACELAR, L. Pereira e Cunha, Maria Josenilda Costa: **Metodologia do Ensino de Português** UVA, Fortaleza-CE, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Vol.2 de Língua Portuguesa. 1997.

_____. Vol.2 de Língua Portuguesa. 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística: pensamentos e ação**. 8. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

COSTE, Daniel. **O texto, leitura e escrita**. 2ª ed. Campinas: Pontes, 1997.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 24. ed. atualizada. São Paulo: Cortez, 1995.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 7ª ed. São Paulo. Cortez, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversa sobre a iniciação à pesquisa científica**. Campinas. SP: Alínea, 2001.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1998.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. ; VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. 2ª ed.rev. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19ª ed. São Paulo. Brasiliense, 1994 (coleção primeiros passos).

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e pratica**. 6ª ed. Campinas: Pontes, 1998.

PASSOS, Célia; SILVA, Zeneide. **Eu gosto de comunicação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Vol. 1-4, 1991.

ZILBERMAN, Regina e Silva, Ezequiel Teodoro da. **Leitura: Perspectivas interdisciplinares**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1998.